

# **SIGNIFICADO DA MORTE PARA O IDOSO**

Tânia Maria de Oliva Menezes - Escola de Enfermagem UFBA

Marta Madalena Oliveira Biondi

Regina Lopes Mendonça – Escola de Enfermagem Ufba

## **Resumo**

Este é um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, fundamentado no método fenomenológico, que objetivou identificar o significado da morte para o idoso participante de um clube da terceira idade da cidade do Salvador-Ba, onde foram entrevistados 09 idosos, com faixa etária compreendida entre 62 e 72 anos, de ambos os sexos, escolhidos de forma aleatória. A técnica utilizada para a coleta de dados foi à entrevista semi-estruturada, que foi gravada e posteriormente transcrita. Após análise das falas, objetivando a compreensão desse significado, foram extraídas as seguintes categorias: 1. A morte é um acontecimento natural; 2. Visão da morte como a maior certeza da vida; 3. Compreensão de que a morte não existe; 4. A morte é o pior acontecimento da vida. As categorias foram analisadas segundo a literatura e o referencial teórico de Martin Heidegger, expresso em sua obra intitulada Ser e Tempo. De acordo com a teoria e o referencial filosófico, pode-se perceber que a pessoa idosa permanece bastante apreensiva com a morte, assim, a importância desse estudo é proporcionar uma melhor compreensão e aceitação da morte como parte inerente à vida humana, especialmente para o idoso, permitindo que a mesma seja vivenciada sem angústias ou traumas.

**Palavras Chaves:** Idoso, Morte, Significado.

## **Abstract**

This is a descriptive and exploratory study, of qualitative nature, wellfounded on the phenomenologic method, that it aimed at to identify the meaning of the death for the participant senior of a club of the third age of the Salvador city, where 09 were interviewed senior, with age group understood between 62 and 72 years, of both sexes, chosen in a random way. The technique used for the collection of data went to the semi-structured interview, that it was recorded and later transcribed. After analysis of the speeches, they were extracted the following categories: 1. the death is a natural event; 2. the death is the largest certainty of the life; 3. the death doesn't exist; 4. the death is the worst event of the life. The categories were analyzed according to the literature and philosophic reference of Martin Heidegger's in his work entitled Ser e Tempo. Taking into account the theorie and philosophic reference and phebomenological interpretation, We could understand that aged person to stay apprehensive with the death, so, the importance of that study is to provide a better understanding and acceptance of the death as inherent part to the human life, especially for the senior, allowing the same to be lived without anguishes or traumas.

## **INTRODUÇÃO:**

A velhice é uma etapa vital do processo de desenvolvimento do ser humano. Constitui-se de mudanças significativas e diferenciadas, traduzidas por alterações internas e externas que ocorrem de forma distinta em cada indivíduo e finalizando com o processo de morrer. Segundo Carvalho Filho (2002), o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo, onde há modificações tanto morfológicas como funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por leva-lo a morte.

A velhice, no atual contexto social, é vista com grande interesse pelos estudiosos, pois é um segmento populacional que está em crescente desenvolvimento, em consequência do baixo

índice de mortalidade e natalidade, com o conseqüente aumento do envelhecimento das pessoas adultas. Em contrapartida, a maioria que está inserida nesta etapa da vida não se prepara para o envelhecer e, posteriormente, para a morte. Diante de tal realidade observada, apresenta-se este trabalho como pertinente, ao problematizar de que forma o idoso vivencia a aproximação da morte pelo processo do envelhecimento. O que leva o idoso se apegar à vida? Às pessoas queridas? À vida material? Ou, o que desconhece? Ou melhor, ele acredita na continuidade da vida?

São questionamentos fundamentados no conhecimento religioso ligado à espiritualidade, e que nos levaram a desenvolver o tema com esse enfoque, que coaduna com a crise paradigmática vivenciada pela ciência, onde se busca hoje o resgate da espiritualidade, que se confirma fora das religiões, com o crescimento do movimento holístico desde 1926, com a ruptura feita por Husserl através da fenomenologia, e a divisão do átomo com a culminância da física quântica.

Questionar o idoso sobre a aproximação da morte pelo processo de envelhecimento, facilitará aos enfermeiros e cuidadores saber qual a melhor forma de ajuda-los no momento da passagem, para que a façam de forma consciente, indelével ao corpo e espírito, acreditando que não estarão sós.

Em face dessas considerações, destaca-se como problema deste estudo o seguinte questionamento: Qual o significado da morte para o idoso participante de um clube da 3ª idade da cidade de Salvador-Bahia? Tem como objeto o significado da morte para o idoso e como objetivo identificar o significado da morte para o idoso participante de um clube da 3ª idade.

Assim, esse estudo justifica-se porque, ao estudar o processo de envelhecimento do ser humano, encontram-se reflexões acerca da nossa temporalidade, transitoriedade e terminalidade, que nos guiaram a este trabalho de pesquisa, a fim de que possamos encontrar uma melhor forma de ajudar o idoso no momento da passagem, para que esta se faça de maneira consciente, indelével ao corpo e espírito, acreditando que ele não estará só.

## **PERCURSO METODOLÓGICO:**

**Tipo de pesquisa:** trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com uma análise fenomenológica, buscando uma compreensão do estudo proposto com o ser humano no seu ambiente e com suas complexidades, ou seja, buscando compreender como o idoso vivencia a aproximação da morte com o processo de envelhecimento.

Martins & Bicudo (1997, p. 27) afirmam que esta modalidade de pesquisa procura introduzir aos fenômenos tais como angústia, ansiedade, medo, alegria, cólera, amor, tristeza, solidão, etc., uma apresentação em dimensões pessoais, mais apropriadamente pesquisados na abordagem qualitativa, o que a concebe como um empreendimento abrangente e multidimensional. Desse modo, optou-se pela metodologia qualitativa considerando sua característica de ser descritiva de comportamentos, fatos, idéias ou componentes que possam exercer influência no fenômeno significado da morte, possibilitando descrever os conteúdos subjetivos estudados.

**Local da Pesquisa:** O estudo foi realizado com participantes do Grupo Integração, localizado na cidade de Salvador-Ba, instituição com 138 associados, que se caracteriza por permitir uma interação social dos mesmos, bem como o constante aprimoramento das suas potencialidades, sem fins lucrativos, sem sede própria, com reuniões mensais em uma associação atlética nesta cidade.

**Sujeitos:** São sujeitos dessa pesquisa 09 idosos, com idade acima de 60 anos, de ambos os sexos, orientados no tempo e no espaço, com boa acuidade auditiva, não institucionalizados, participantes de uma instituição voltada para o lazer do idoso, que aceitaram participar espontaneamente desta pesquisa, após serem convenientemente esclarecidos e assinatura do termo de consentimento, considerando a resolução 196/96 que versa sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. A escolha desses idosos foi realizada de forma aleatória. A definição do número de entrevistas foi feita com base no critério da saturação ou recorrência dos dados, ou seja, o momento em que a busca de novos sujeitos não acrescenta mais nenhum dado

novo a investigação. VICTORIA apud CATTANI E GIRARDON-PERLINI, (2004). Para manter o anonimato dos sujeitos, foi atribuído aos mesmos o nome de pedras preciosas.

**Instrumento de Coleta de Dados:** a coleta de dados ocorreu no período compreendido entre os meses de março a maio de 2005. Como técnica de coleta de informações foi utilizada a entrevista semi-estruturada que, segundo Trivinos (1987, p. 145), valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação, ao mesmo tempo em que participa na elaboração do conteúdo da pesquisa. Cada entrevista foi gravada, imediatamente transcrita e analisada antes do próximo encontro. Cada entrevistado respondeu de forma individual a seguinte questão norteadora: O que significa a morte para você? As entrevistas foram realizadas nas dependências dessa associação, após a permissão verbal da presidente do Grupo Integração.

**Análise dos Dados:** a análise dos dados foi realizada após a leitura das falas dos sujeitos, que foram agrupadas em categorias que, de acordo com Martins e Bicudo (1994, p. 31 e 98) para a descrição propõem esta modalidade de agrupamento dos fenômenos em categorias gerais, que representam os resultados e exploram as análises interpretativas dos itens dos dados verbais. As categorias formuladas foram as seguintes: 1. A morte é um acontecimento natural; 2. Visão da morte como a maior certeza da vida; 3. Compreensão de que a morte não existe; 4. A morte é o pior acontecimento da vida.

## **ANÁLISE COMPREENSIVA DOS DISCURSOS:**

Categoria 1: A morte é um acontecimento natural – o relato de que a morte é um acontecimento natural vem acompanhado de reflexões que denotam expectativas acerca do novo, do desconhecido, do inesperado. “Eu encaro a morte como algo natural. Embora muitas vezes a gente fique pensando (...) o que vai acontecer comigo depois da morte? (...) eu não tenho medo da morte (...) você morrendo, renasce para uma outra vida” Jade. “De uma forma muito natural. É um fenômeno do qual ninguém pode se furtar, então eu encaro a morte sem medo, como um fenômeno muito natural” Cristal. “A morte eu vejo como uma coisa natural, que todos nós nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos. Isso é uma realidade que nós não podemos fugir (...) dessa verdade” Rubi.

Nesse sentido, Viorst (2003, p. 328) afirma que “podemos enriquecer nossa vida lembrando-nos que vamos morrer. Evitar olhar a morte de frente, talvez só seja possível quando a morte não significar o fim de tudo o que somos e sim quando vemos nossa morte dentro de um contexto de continuidade após a morte”.

Entretanto, a morte como acontecimento natural é inevitável, ainda que uma certeza para cada criatura viva é desconhecida em sua essência pelos humanos. (VAZ, 2001, p. 88)

Torna-se evidente através das respostas dos entrevistados que a aceitação da morte é encarada com naturalidade. Ela faz parte da evolução natural da existência humana e, dessa forma, deve ser idealizada. A morte não é estranha à vida, é intrínseca a ela.

Categoria 2: Visão da morte como a maior certeza da vida. A aceitação da morte fica evidente conforme os depoimentos: “Eu vejo a morte como a coisa mais certa da vida, a continuação da vida (...) e embora pareça paradoxal, é realmente, repito, a coisa mais certa da vida é a morte. Encaro como uma coisa que faz parte do nosso viver” Esmeralda: “Eu vejo a morte como uma coisa inexorável, que eu gostaria que não acontecesse, mas, como é impossível se livrar? É uma coisa que é obrigada a se passar” Topázio. Desde o momento da concepção, a morte é uma certeza para cada criatura viva, embora a maior parte dos seres humanos não esteja acostumada à idéia de sua ocorrência. LUNARDI FILHO et al (2001, p. 61).

De acordo com Heidegger (1998, p. 37), o ser que existe para essa possibilidade coloca diante de si a pura e simples impossibilidade da existência. Diz-se que a morte é certa e, com isso, implanta-se na pre-sença, a aparência de que se está certo da própria morte. E onde se acha o fundamento do estar-certo no cotidiano? Cotidianamente, faz-se a experiência do morrer dos outros. A morte é um incontestável fato da experiência. Completa ainda que: É manifesto que o ser-para-a morte em questão não pode ter o caráter de empenho que se ocupa de sua realização.

De um lado, a morte enquanto algo possível, não é um manual e nem algo simplesmente dado possível, e sim uma possibilidade de ser-da-presença. Assim, portanto, o ocupar-se da realização desse possível deveria significar o deixar de viver. E, com isso, a pre-sença retiraria de si o solo para um ser que existe para a morte.

Segundo Vomero (2002), a morte é provavelmente a única coisa certa na sua existência ou na minha e também na de nossos pais, nossos filhos, nossos ídolos e inimigos, de todas as pessoas que amamos e mesmo daqueles que jamais chegaremos a conhecer; é certo que todos nós vamos morrer um dia. Nesse contexto, a morte faz parte da vida. Todos começamos a morrer exatamente no dia em que nascemos. A morte, portanto, é uma etapa da nossa existência com a qual temos que conviver. Pode-se conviver melhor ou pior com ela. Mas não se pode evita-la. A certeza da morte, na vida de cada um está presente na consciência das pessoas. A finitude do ser existe desde o momento em que nasce. Se existimos, é certo que morreremos.

É preciso estar sempre disposto a ouvir o idoso, principalmente porque a questão da morte é muitas vezes negligenciada do discurso do enfermeiro, não oportunizando ao paciente a possibilidade de verbalizar suas idéias sobre o assunto. Assim, é preciso saber escutar o idoso, não se detendo somente naquilo que se constitui normas da assistência.

Em relação à escuta, Heidegger (1998 p. 223) aponta que: Somente onde se dá a possibilidade existencial de discurso e escuta é que alguém pode ouvir. Quem “não pode ouvir” e “deve sentir”, talvez possa muito bem e, justamente por isso, escutar. O ouvir por aí é uma privação da compreensão da escuta. Discurso e escuta se fundam na compreensão. A compreensão não se origina de muitos discursos nem de muito ouvir por aí. Somente quem já compreendeu é que pode escutar.

Categoria 3: Compreensão de que a morte não existe. A negação da morte recebe influência das convicções religiosas e culturais do indivíduo, traduz como ele interage com o outro, conforme as revelações a seguir: “Olhe para mim, a morte não existe. É uma passagem. A vida é eterna. Então, é uma passagem do mundo físico para o espiritual” Diamante. “Acho que a morte é vida. Você morrendo, você renasce para uma outra vida e vem melhor em todos os sentidos possíveis” Jade. “Eu acredito que não morreremos. Nós não morreremos. Como é que eu posso dizer, ela é para mim sentida porque o ser humano não pode deixar de sentir como é a morte” Safira.

A respeito dessas questões, Moragas (1997, p. 235) refere que a vida não se esgota totalmente com a morte, mesmo para os não crentes, visto que vivemos em nossas obras, em nossos descendentes e em resíduos de nossa vida que subsistem depois que partimos deste mundo. Ainda este mesmo autor comenta que as crenças religiosas oferecem, freqüentemente, visões positivas do morrer: começo de uma vida mais feliz, superação das limitações mundanas, entre outros.

Desse modo, Viorst, (2003, p. 313-314) explica que conscientemente ou inconscientemente afastamos a idéia da morte. Vivemos uma vida na qual a morte é negada. Negar a morte significa jamais permitir a nós mesmos o confronto com a ansiedade provocada por visões dessa última separação. A negação da morte facilita a caminhada através dos dias e das noites, sem que pensemos no abismo aos nossos pés. Mas a negação da morte, como afirmam convincentemente Freud e outros, empobrece nossa vida. Porque consumimos um excesso de energia mental procurando afastar nossos pensamentos e nosso temor da morte. Porque a morte é parte tão integrante da vida que fechamos partes da vida quando afastamos os pensamentos da morte. E porque o conhecimento emocional de que certamente morreremos um dia pode intensificar e refinar o senso do momento presente.

Sobre a negação da morte, Vomero (2002, p. 40) chama a atenção de que, para quem não acredita na continuação da vida, a morte é o nada, é a ausência completa de angústias e desesperos, é o fim das aflições. E para quem acredita na continuação da vida, a morte é a passagem desta existência para outra melhor.

Em algumas situações essa negação se traduz pela falta de alguém que se relacione com o idoso de maneira significativa, interagindo, ouvindo os seus pensamentos e não o tratando de modo impessoal. De acordo com Heidegger (1998, p. 180), o impessoal encontra-se em toda parte, mas no modo de ser sempre ter escapulado quando a pre-sença exige uma decisão. Porque prescreve todo julgamento e decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada presença. O

impessoal pode, por assim dizer, permitir-se que se apóie impessoalmente nele. Podem assumir tudo com a maior facilidade e responder por tudo, já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa.

Negar a morte talvez seja mais confortável para alguns, pois os deixam menos temerosos em relação ao próprio fim. Imaginar que deixará de existir é atemorizante para certas pessoas, mesmo tendo conhecimento da sua terminalidade. É importante nos educarmos no sentido de aceitar a realidade da morte e não nega-la, sem traumas ou receios.

Categoria 4: A morte é o pior acontecimento da vida. A inevitabilidade da morte traz à consciência o medo da própria morte e do outro, conforme as afirmações dos depoentes: “Eu acho horrível! Acho que não devia existir. Não me conformo com a morte. Tenho medo de morrer. Quando eu for, eu vou apulso, vou reclamando! Vou porque não tem jeito mesmo” Ágata. “Eu vejo a morte como a coisa pior da vida. Então, só isso, a coisa pior mesmo que existe, eu acho que é a morte. Porque, por exemplo, você tem um ente querido, de repente a pessoa morre, você sente por aquilo” Ametista. Segundo Schopenhauer, (2003, p. 25), o temor da morte é independente de todo conhecimento, pois o animal o possui, ainda que não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo. Esse temor da morte, a priori, é justamente o reverso da vontade de vida, fundo comum do nosso ser. Em cada animal, junto com o cuidado inato com a conservação está também o medo inato da aniquilação absoluta. Por sua natureza, o homem não é diferente. O pior dos males, o mais terrível dos perigos que pode nos ameaçar é a morte; o maior terror é o da morte.

Kubler-Ross (1985) refere que há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano.

Segundo Moragas, (1997), a morte é vista como o fato mais transcendente e negativo da existência humana. O que pode acontecer ao ser humano de mais negativo do que passar do ser ao não ser?

Conforme Viorst (2003), aqueles para quem a separação sempre foi uma viagem cheia de terror para dentro das trevas, a separação última é o maior de todos os terrores. Esta separação pode gerar angústia, que Heidegger (1979) observa como sendo, entre todos os sentimentos, aquele que pode conduzir o homem ao encontro de sua totalidade, a sair da monotonia e indiferença da vida cotidiana. É a partir da angústia, tentando sair dela, que o homem visualiza uma nova possibilidade, manifesta sobre o seu poder de transcender sobre o mundo e sobre si. Ao projetar-se no mundo, o homem interage com ele e desvela suas várias possibilidades.

Muitas vezes os indivíduos associam a morte à tragédia e negatividade. É um acontecimento ao mesmo tempo fúnebre e funesto, muitas vezes gerando sentimentos de revolta e angústia intensa, devido ao fato de ser afastado dos que ama pela morte, que é inexorável.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A morte sempre esteve presente no cotidiano das pessoas. Entretanto, o seu significado tem variado entre as diferentes culturas e momentos históricos. No presente, com o desenvolvimento tecnológico-científico e a racionalização do morrer, a morte pode ter uma conotação negativa de fracasso, impotência ou algo estranho ao curso da vida. A não aceitação da morte e o trauma psicológico decorrente devem ser sempre lembrados e considerados pelos profissionais de saúde e aqueles que lidam com o paciente terminal. O presente estudo teve o seu objetivo alcançado, uma vez que foi possível a identificação do significado da morte para o idoso de uma população específica, no caso em um clube da 3ª idade. É importante salientar que as respostas dos participantes, posteriormente analisadas e agrupadas em categorias, identificaram idéias e preocupações presentes no seu dia a dia, sendo que a sua extrapolação para um universo maior não pode ser garantida.

A idéia de que a morte é um acontecimento natural evidencia uma certa aceitação da sua presença, uma intuição de que ela decorre do próprio viver. Embora a naturalidade seja algo positivo, a morte é aceita de maneira compulsória e encarada como algo inevitável para alguns, ou representa a impotência do ser humano frente a um fato inconteste para outros. Existe ainda a

crença na espiritualidade e na religiosidade, o que torna este momento natural, à medida que a morte passa a ser considerada uma passagem para a outra vida, um renascimento.

Na categoria a morte é a coisa mais certa da vida tem-se que, basta que se viva para que se esteja susceptível à morte. A mesma é vista como um processo intrínseco ao próprio nascimento do ser. Foi encontrado o conceito de negação da morte através da categoria a morte não existe. Estas pessoas não consideram a morte como o fim da existência, baseando-se em suas convicções religiosas. Para elas, o fato da mesma ser apenas uma passagem afasta-lhes o temor e a própria angústia de sua impermanência neste mundo. Finalmente, nas respostas de alguns idosos foi afirmada a última categoria: a morte é o pior acontecimento da vida. A morte é percebida e definida como uma experiência ruim, que cessa o contato entre entes queridos e a própria alegria da vida. A morte seria um elemento para ser temido e rejeitado.

É importante que a temática relacionada à morte e a nossa finitude esteja incorporada ao inconsciente coletivo do ser humano. Para tanto, deve-se promover continuamente reflexões que esclareçam a população em geral e em especial o idoso a respeito da morte como elemento natural da existência. O processo de falecimento deve transcorrer sem traumas para paciente e familiares. Desse modo, para a enfermagem que lida constantemente com esta questão, deveremos promover uma humanização no processo do morrer, o que representa a consolidação da assistência em saúde como promoção da qualidade de vida.

## **BIBLIOGRAFIA:**

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Conferência e Escritos Filosóficos**. Tradução por Enildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução por Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. **A Roda da Vida: Memória do Viver e do Morrer**. Tradução Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: GTM, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Morte e o Morrer**. Tradução Paulo Menezes. 2ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1985.

LUNARDI FILHO et al. Percepções e Condutas dos Profissionais de Enfermagem Frente ao Processo de Morte e Morrer. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 10, n 3, p. 60-81, set/dez. 2001.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. 2ª ed. São Paulo. Ed. Moraes, 1994.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de Vida**. Tradução Nara C. Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da Morte. Metafísica do Amor. Do Sofrimento do Mundo**. Tradução Nara C. Rodrigues. São Paulo, Paulinas, 1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

VAZ, Marta Regina Cezar et al. **A certeza incerta da morte e suas Metáforas na Situação de Acometimento de Aids – Tuberculose**. Texto & Contexto. Florianópolis, v. 10, n 3, set/dez 2001, p. 82-100.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

VOMERO, Maria Fernanda. Morte. In: **Super Interessante**. n. 173, p. 37 – 44, fev. 2002.

---

Tânia Maria de Oliva Menezes – [tomenezes@uol.com.br/jbaj@oi.com.br](mailto:tomenezes@uol.com.br/jbaj@oi.com.br)  
Marta Madalena Oliveira Biondi  
Regina Lúcia Lopes Mendonça – [reginalm@cpunet.com.br](mailto:reginalm@cpunet.com.br)